

# **Dr. Robert A. Peterson, Cristologia, Sessão 19, Sistemática, Humanidade de Cristo, Subordinação, Impecabilidade, Unipersonalidade e Comunicação de Atributos**

© 2024 Robert Peterson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre Cristologia. Esta é a sessão 19, Sistemática, Humanidade de Cristo, Subordinação, Impecabilidade, Unipersonalidade e Comunicação de Atributos.

Continuamos nosso estudo de Cristologia e Cristologia sistemática e a pessoa de Cristo em termos de sua humanidade.

Precisamos tratar de duas questões antes de passarmos para a unidade da pessoa de Cristo. Uma dessas questões é o subordinacionismo, a outra é a discussão sobre pecabilidade, impecabilidade. O subordinacionismo é a garantia bíblica para o conceito.

Não há dúvida de que a escritura ensina, o próprio filho de Deus ensina, que ele é subordinado ao pai ou, use a linguagem de João 14 e versículo 28, o pai é maior do que eu. Ele diz aos seus discípulos que eles devem se alegrar que ele os está deixando; isso é difícil para eles entenderem porque ele está indo para o Pai, e o Pai é maior do que Jesus, literalmente. Eu estou indo para o pai, Jesus disse, entre aspas, pois o pai é maior do que eu. Claro, o significado é que o pai é maior do que eu sou grande. Não há dúvida de que há uma subordinação bíblica do filho ao pai.

Da mesma forma, em um versículo que vimos antes, outro versículo que vimos antes, então isso não é realmente novo, embora eu queira realmente esclarecer e fazer distinções entre dois tipos diferentes de subordinacionismo. João 5:26, assim como o pai tem vida em si mesmo, ele também concedeu ao filho vida em si mesmo. Isso não é reversível.

Você não pode dizer que o filho concedeu ao pai ter vida em si mesmo. Isto é, o filho se submete ao pai. O pai desejou a encarnação.

O filho não quis a encarnação do pai. Não há encarnação do Pai ou do Espírito. E assim, distinguimos primeira, segunda e terceira pessoas.

O Espírito é o servo do Pai e do Filho. Essa distinção em termos de números não significa que eles não sejam co-iguais. Eles são co-iguais.

Eles são co-eternos. Eles são membros iguais da trindade. No entanto, para o bem do plano de Deus ser atualizado, para o bem da história bíblica, para o bem da redenção, o Pai enviou o Filho ao mundo.

Gálatas 4:4. E o Pai e o Filho enviaram o Espírito no Pentecostes. Mas não estamos falando sobre o espírito neste momento. Estamos falando sobre o filho de seus próprios lábios.

Aprendemos que o Filho era subordinado ao Pai. Portanto, o estudo disso envolve subordinacionismo. Há dois tipos e eles devem ser distinguidos.

O subordinacionismo essencial diz que há uma subordinação essencial do Filho ao Pai. Esta é uma subordinação, como o adjetivo essencial indica, de essência ou ser. Ontologicamente, o subordinacionismo essencial afirma, ontologicamente ou metafisicamente, que o Filho é inferior, subordinado e inferior ao pai em essência, ser, constituição.

Assim, essa subordinação essencial é incompatível com uma afirmação da divindade de Cristo. Esse é o erro do liberalismo teológico e o erro dos cultos. Sim, a escritura diz que Jesus disse que o Pai é maior do que eu. Mas não, isso não significa em seu ser essencial.

Não é uma negação da igualdade do pai e do filho. O subordinacionismo essencial é seriamente errado porque ele afasta as pessoas da graça. Se Cristo não é Deus encarnado, então como podemos confiar nele para a salvação? Mas espere um minuto, erros na concepção e concepção de Cristo não mudam quem ele é.

Isso é verdade. Mas erros na concepção de Cristo, isto é, falsos ensinamentos sobre Cristo, cortam uma pessoa da graça porque se eu coloco toda a minha confiança em um anjo para me salvar ou em um mero homem, não funciona. O Cristo bíblico é o Deus-homem.

E sim, por nós pecadores e nossa salvação, ele se subordinou; ele se sujeitou ao Pai. Mas isso não é uma subordinação essencial. É uma subordinação econômica.

Esta é uma subordinação de função, de trabalho, de papel. O filho se submete ao pai para fazer a obra da redenção. O filho se submete ao pai em seu papel como o Filho encarnado que morre em nome de seu povo e é ressuscitado.

A subordinação econômica ou funcional é compatível com uma afirmação da divindade de Cristo. Então, nunca fugimos das escrituras. Nem sempre as entendemos, mas as escrituras ensinam que o Filho é menor que o Pai, se você preferir, que o Pai é maior que o Filho, e que o Pai deu ao Filho ter vida em si mesmo.

Mas tudo isso diz respeito a uma humilhação do filho, sujeição do filho, uma subordinação do Filho ao Pai que não toca na essência ou no ser essencial, mas sim toca na obra de redenção do Filho, o papel do Filho como mediador, a função do Filho. Assim, reconhecemos, de fato, que nos regozijamos na subordinação econômica do Filho ao Pai porque é isso que nos salva. O Filho se torna um de nós, vive uma vida perfeita e morre em nosso lugar no cumprimento de seu papel como servo do Pai.

E sim, o mestre é maior que o servo dessa forma. O pai é maior que o filho, mas o filho é igual ao pai. Então, nós reconhecemos, com a igreja histórica, uma funcional ou econômica é a palavra histórica, uma subordinação econômica ou funcional, e, portanto, estudando-a, um subordinacionismo econômico ou funcional.

Cristo foi capaz de pecar? Este é o debate sobre impecabilidade, pecabilidade . E eu já vi pessoas quase chegarem às vias de fato por causa disso. Impecabilidade diz, a palavra latina para pecado é peccatum .

Peccatum . Impecabilidade diz que o filho encarnado era incapaz de pecar. Peccability diz que o filho encarnado era capaz de pecar.

Há proponentes dignos de ambos os lados. Louis Berkhof , cuja teologia sistemática foi usada para treinar uma geração inteira de estudantes sobre o que a Bíblia ensina. Ele ensinou impecabilidade, como a maioria. Não tenho uma pesquisa completa aqui, mas sou sensível a isso porque se você me pressionar sobre isso, eu saio na posição minoritária, o que explicarei em breve.

E eu farei isso de tal forma que isso seja um acordo secundário, que algumas questões sejam claras e bíblicas, que nos posicionemos sobre elas, e que onde alguém se posiciona sobre isso não seja tão importante. Mas, antes de tudo, como alguém tão conservador quanto Louis Berkhof ensinou impecabilidade, alguém tão conservador quanto Charles Hodge, que também ensinou a geração anterior de estudantes, ou talvez duas, ensinou pecabilidade . Berkhof disse que Cristo é incapaz de pecar.

Hodge disse que era capaz de pecar. Agora, outras pessoas boas ensinam impecabilidade. O volume que tenho apregoado, como autor do volume em *Contours of Christian Theology*, o teólogo escocês Donald MacLeod, impecavelmente.

E eu posso citar outros nomes, que não estão saindo da minha língua agora. Mas Berkhof , pecabilidade . Hodge, pecabilidade .

O que está claro? O que está claro é que Jesus não pecou. Todos concordam. Certo? Ele não pecou.

É injusto para aqueles que sustentam que ele não poderia pecar, impecabilidade, dizer de seus irmãos e irmãs pecáveis, se ele poderia ter pecado então, ele poderia pecar agora e trazer toda a estrutura da salvação desabando. Não é justo. Injusto.

Todo mundo diz que Jesus não só não pecou, mas que ele não pode pecar agora. Concordância universal sobre isso. Todo teólogo que crê na Bíblia.

Qual é a diferença? É a diferença entre seus dois estados. Em um estado de humilhação, ele era limitado. Ele era fraco e vulnerável.

Ele nunca pecou, no entanto. Estado de exaltação, ele não é limitado. Ele se move da esfera temporal terrestre para a esfera transcendente celestial.

Ele nunca mais será tentado. Ele nunca mais será espancado, nem sofrerá, nem morrerá. Ah, não.

Ele é o Cristo glorioso que volta e, por sua palavra, destrói seus inimigos. Ele é o Cristo glorioso que é Senhor do céu e do inferno. Não quero deixar de fora o Pai ou o Espírito Santo, mas estou enfatizando o fato de que Jesus não apenas nunca pecou, acordo universal absoluto, mas ele nunca pecará.

Acordo universal. Em um estado de exaltação, é impossível. Ele é impecável.

No entanto, pessoas boas discordam. Outro ponto de concordância, embora um lado alegue marcar pontos às custas do outro nisso, foi que ele estava realmente tentado. E esse é o cerne da questão para Charles Hodge.

Ele diz que se Jesus foi realmente tentado, então era possível que ele pecasse. Ah, de jeito nenhum. Ele não tem nenhum princípio pecaminoso dentro de si, nenhuma propensão, nenhuma natureza pecaminosa, alcançando o pecado como todo mundo.

Não como todos os outros. Adão, antes da queda, não tinha isso, e ele foi verdadeiramente tentado, e ele não só foi capaz de pecar, ele pecou. Eu direi novamente: se Jesus era pecável ou impecável, ele não pecou.

Hodge diz, não consigo entender como as tentações de Jesus poderiam ser genuínas. Era absolutamente impossível para ele pecar. Por outro lado, as pessoas boas, e elas são boas pessoas, meu Deus, Berkhof, McLeod e muitos outros dizem que ele não poderia; é verdade, ele não pecou.

É verdade, e ele não pode pecar agora. Para ser justo, concordamos com nossa pecabilidade, irmãos e irmãs, sobre essas verdades. Também é verdade que ele foi tentado, embora nunca tenha sido, e ele não podia pecar.

Porque, dizem, ele é o Deus-homem. Eles apelam para sua divindade para o porquê de ele não poder pecar. Eu preferiria não tomar posição sobre isso, mas meus alunos sempre me fizeram fazer isso.

Então, eu fiz assim. Essas questões são claras. Jesus não pecou, embora tenha sido verdadeiramente tentado, e agora ele não pode pecar.

Concordamos. Tendo dito tudo isso, eu favoreceria, humildemente, eu nunca faria disso uma questão de algo que você tem que acreditar para se juntar à igreja. Com grande respeito pelo outro lado, eu concordaria com Hodge que faz mais sentido das tentações que Jesus foi o segundo Adão e dizer que ele poderia ter pecado, mas ele nunca o fez.

As tentações não dizem respeito principalmente a ele ser Deus. Elas dizem respeito a ele ser um de nós, e suspeito que a impecabilidade seja outra tentativa de exaltar sua divindade, na qual acredito, às custas de sua humanidade. Mas Peter não vai começar nenhuma campanha sobre isso ou escrever livros que esmaguem o outro lado, os desassocie ou os rebaixem.

Simplesmente não é justo fazer isso. Vou mencionar meu professor de teologia no seminário, Robert J. Dunzweiler, que disse duas coisas. Talvez esta seja a melhor maneira de fazer isso.

Número um, uma vez escrevi um artigo para ele defendendo a impecabilidade, e para mostrar o quão justo o homem é, no meu artigo, ele escreveu, A, bom trabalho, ele disse. Concordância nem sempre é a base para a avaliação do trabalho. Ele discordou de mim, e, obviamente, mudei de ideia desde então, embora eu não seja um defensor ferrenho da impecabilidade, como você já pode ver.

Mas ele disse, número um, junto com as verdades que tenho enfatizado repetidamente, Jesus não pecou; ele foi verdadeiramente tentado, e ele não pode pecar agora. Ele disse que era capaz de pecar como o Deus-homem, e ainda assim, no plano de Deus, ele era incapaz de pecar. Talvez essa seja a maneira de fazer isso.

Então, eu afirmo ter todas as respostas? Não. Mas, por favor, enfatize o que está claro, desenfatize o que não está claro e não atire em seus irmãos e irmãs que discordam de você em questões menores, nas quais é perfeitamente apropriado que irmãos e irmãs discordem em amor. Passamos para nosso último tópico principal estudando a pessoa de Cristo.

Estudamos sua pré-existência. O Filho de Deus não começou a existir em Belém. A humanidade de Nosso Senhor começou então.

Estudamos o milagre da Encarnação. O Deus eterno e todo-poderoso se tornou um ser humano com a concepção miraculosa de sua humanidade no ventre de Maria pelo Espírito Santo, de modo que desde então, ele é o Deus-homem com duas naturezas em uma pessoa. Estudamos sua divindade resultante, e encontramos a continuidade da personalidade em seu ser o Filho .

Ele era o Filho pré-encarnado que se tornou o Filho encarnado. A continuidade da personalidade não é provida por sua humanidade porque esta teve um começo, diferente de sua filiação. Então estudamos sua humanidade e, finalmente, sua união - personalidade.

Ele é uma pessoa. A primeira coisa a ser dita é que é de fato uma união pessoal das duas naturezas. As naturezas divina e humana de Cristo são unidas em uma união pessoal, ou para usar a palavra patrística, união hipostática.

É uma união pessoal. Ou seja, sua natureza humana não tinha existência antes de sua criação por Deus no ventre de Maria. Deus não veio e super habitou um ser humano existente.

Não havia ser humano existente dessa forma, embora eu não goste da terminologia. Sua humanidade era impessoal. Por que você não gosta? Porque sua humanidade nunca foi impessoal, embora não existisse como um ser humano separado desde o momento de sua concepção no ventre de Maria. Era pessoal exatamente porque estava unida ao Verbo, à luz, ao Filho e à segunda pessoa da Trindade.

Mais uma vez, a continuidade da personalidade não é por ser um homem, mas por ser Deus. Ele é o Logos pré-encarnado, e ele se torna o Logos encarnado. E assim que a humanidade de nosso Senhor é concebida, o Espírito a une à divindade de nosso Senhor para que ele seja Deus e homem já no ventre de Maria.

Misterioso? Muito. Mas então, nunca há uma humanidade impessoal no sentido de que Deus veio e habitou um homem chamado Jesus. Não, não.

Mesmo antes de Jesus ser concebido, o Senhor disse a Maria através do anjo Gabriel, que o que for concebido, o Espírito Santo virá sobre você, Deus te cobrirá com sua sombra, para que o que nascer de você seja santo, o Filho de Deus. E duas vezes em Mateus 1, Deus diz a Mateus de uma forma mais resumida, que o que será concebido em sua Maria, com quem você não deve hesitar em se casar, é do Espírito Santo. Então, a primeira coisa a ser dita sobre a unidade da pessoa de Cristo é que é uma união pessoal.

A segunda coisa a ser dita é a comunicação de atributos, latim, *communicatio idiomatum*, a comunicação de atributos, é um ensinamento bíblico. Ah, os reformados e os luteranos realmente discordam entre si sobre isso. Na verdade, eles concordam com alguns aspectos, mas com um aspecto importante eles não concordam.

Aqui estão os fatos. Às vezes, a escritura se refere a Cristo, a pessoa, com um título que corresponde à sua divindade, enquanto lhe atribui na mesma frase uma qualidade que pertence à sua humanidade. Esta é a base para a doutrina patrística; os Padres encontraram isso na Bíblia, da comunicação e do compartilhamento de qualidades.

Vamos dar uma olhada em algumas delas. Vamos fazer uma indução para entender. Vou apenas prefaciá-la e a avaliação dizendo que os reformados dizem que essa é uma maneira de falar na Bíblia.

Não pertence à ontologia. Pertence à hermenêutica. É uma maneira de falar.

É um recurso literário para enfatizar a unidade de Cristo. Os luteranos dizem, não, é muito mais do que isso. Você não faz os reformados fazerem disso uma mera figura de linguagem porque eles ensinam, os piedosos luteranos crentes na Bíblia ensinam, na ressurreição do Filho de Deus, realmente, atributos divinos foram verdadeira e realmente comunicados de sua natureza divina para sua natureza humana?

Há um compartilhamento ontológico, de modo que sua humanidade agora é, compartilha o atributo divino da onipresença ou ubiquidade. Não é difícil de ver. A motivação é eucarística.

Ela permite que o próprio Lutero, embora ele não tenha desenvolvido isso tanto quanto seus descendentes teologicamente fizeram, os permite dizer que Cristo está em, com e sob os elementos na Ceia do Senhor. Não em um sentido católico romano de transubstanciação, de um milagre interno onde os elementos externos parecem os mesmos. Tomás distinguiu os acidentes e a essência usando a lógica aristotélica.

Acidentes são aquelas coisas que atraem os olhos. Então, púlpitos podem ter cores e formatos diferentes. Certo, esses são acidentes. Mas púlpitos, a essência de um púlpito, tem algum tipo de estrutura, e fica em uma certa altura onde um pregador ou um professor pode colocar a Bíblia nele, certo? Essa é a substância ou a essência do pulpitismo, se eu puder inventar uma palavra, certo? Essa é a essência do que os púlpitos são.

Cor: vermelho, preto, azul, verde, isso é um acidente. O formato exato, isso é um acidente. A altura exata, e o material de que é feito, isso é tudo acidente.

Mas o essencial de ser um púlpito, e é melhor assim, é uma certa altura, uma certa plataforma onde você pode colocar sua Bíblia, certo? Claro, estou inventando isso conforme vou falando. Para Tomás de Aquino, que era um gênio, o pão e o vinho e sua aparência externa são acidentes. A essência é o corpo e o sangue de Cristo.

E Deus, ao tilintar do sino na missa, como o ministro ordenado da igreja romana é chamado de padre, ele é ordenado e recebe o poder na ordenação, assim diz a teologia católica romana, para oferecer Cristo no sacrifício não sangrento da missa. Ao tilintar do sino, os acidentes permanecem os mesmos, mas a essência, a própria natureza dos elementos, é alterada. Há uma substanciação trans-mudança, uma mudança de essência, não de aparência externa.

Ainda parece pão e vinho, mas internamente, há um milagre. Lutero rejeitou isso de cara. Ele ficou bravo com isso.

Como podemos ousar dar um nome a esse milagre? É por isso que não acho que ele seria um grande fã de chamar essa coisa de consubstanciação, com do latim, com. Em, com e sob os elementos, Cristo está presente. Mas Lutero ensinou que Cristo estava tão presente na Ceia do Senhor quanto qualquer católico romano já ensinou, incluindo Tomás de Aquino.

Como ele está presente? Milagrosamente. Como você explica isso? Não explica. Bem, aqui está a explicação, tanto quanto há uma, isto é, na ressurreição de Cristo, atributos divinos foram transferidos da divindade de Jesus para sua humanidade, então agora sua humanidade pode estar presente em todos os lugares ao mesmo tempo, e assim pode estar presente em, com e sob os elementos na Santa Ceia.

Provavelmente não é nenhuma surpresa para você agora que eu siga a visão reformada sobre isso, mas, novamente, tenho grande respeito pelos meus companheiros cristãos reformacionais que são luteranos. Vamos dar uma olhada em algumas passagens que afirmam a comunicação de atributos. Atos 3.15. Pedro está pregando.

Pedro não fez o curso de Norman Vincent Peale sobre como ser gentil com seus ouvintes, como fazer amigos e como influenciar pessoas. Pedro é durão, cara, e ele simplesmente detona seus ouvintes muitas vezes. Ele basicamente diz repetidamente, vocês, especialmente os líderes judeus, mas o povo judeu, crucificaram o Filho de Deus, e aqui está o que o Pai fez.

Ele mostrou sua estima por seu Filho ao ressuscitá-lo dos mortos, e você está em sérios apuros. Oh, minha palavra. Ele dá crédito à cura do coxo ao versículo 13 de Atos 3. O Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou seu servo Jesus, a quem vocês entregaram e negaram, ai, na presença de Pilatos, quando este havia decidido soltá-lo.

Mas vocês negaram o Santo e o Justo e pediram que um assassino fosse concedido a vocês, e mataram o autor da vida, a quem Deus ressuscitou dos mortos. Disto somos testemunhas. Aqui está a expressão: vocês mataram o autor da vida.

Autor da vida é um título divino, certo? Não pode ser usado para ter um apóstolo ou um anjo, certo? Você e eu não somos o autor da vida. Somente Deus é o autor da vida, e o Filho de Deus em sua divindade poderia ser chamado de autor da vida. Vimos isso em João 1. Vimos isso em Hebreus 1. Vimos isso em Colossenses 1. O Filho é o agente do Pai na criação.

Oh, o Filho pré-encarnado, mas há continuidade de personalidade. O Filho pré-encarnado se tornou o Filho encarnado. Mas veja o que isso diz a ele.

Acho que a melhor maneira de ensinar isso é, antes de tudo, corrigir o verso. Sim, estou falando com ironia. E fazer o verbo se encaixar no substantivo.

Uh, você adorou o autor da vida. Você adorou o autor da vida. Isso anda junto.

Ou se você quiser fazer do outro jeito, você matou o homem Jesus. Você matou o filho do carpinteiro. Você entendeu? Título divino, verbo divino.

Título humano, verbo humano. Mas há um crossing over aqui. Há um compartilhamento de atributos.

Não diz que você matou o homem Jesus ou que você adorou o autor da vida. Diz que você matou o autor da vida. Título divino e verbo humano, que indica um atributo humano.

Em outras palavras, o título de Deus, e até mesmo Deus sendo o autor da vida, acompanha a morte e a mortalidade. Como poderia ser? Poderia ser porque a única pessoa é Deus e homem ao mesmo tempo. Ele foi o autor da vida.

Ele foi o autor da vida, e ainda é. Ele criou. E ele foi morto porque o autor da vida se tornou um ser humano e morreu na cruz pelos nossos pecados.

Ou seja, é uma maneira estranha que os Padres reconheceram afirmando a unidade da pessoa. A mesma pessoa poderia ser chamada de Deus, e o que poderia ser dito dela é verdade para os seres humanos e não para Deus na mesma frase. Em outras palavras, ele é o Deus-homem.

Esta é a comunicação de atributos. Um título divino, autor da vida, uma qualidade humana, mortalidade, ser capaz, ser mortal, ser capaz de morrer. Ele não só era capaz de morrer, ele morreu.

Atos 20, 28. Há um problema textual aqui, mas de qualquer forma, qualquer texto está certo; é um título divino. Seja a igreja de Deus ou a igreja do Senhor, é a mesma coisa no final.

Ambos são títulos divinos. Atos 20:28. Paulo fala aos anciãos efésios.

É como um proto-presbitério. Os anciãos de Éfeso, da igreja de Éfeso, vieram, e encontraram Paulo em Mileto, e se encontraram com ele antes que ele continuasse e dissesse que não os veria mais. Ele tem algumas palavras solenes para eles.

Versículo 28. Tenham cuidado, desculpem-me, prestem cuidadosa atenção a vocês mesmos e a todo o rebanho no qual o Espírito Santo os constituiu supervisores para cuidar da igreja de Deus, que ele obteve com seu próprio sangue. Alguns manuscritos dizem a igreja de Deus.

Alguns manuscritos dizem a igreja do Senhor. É um cara ou coroa, na verdade, ok? Em termos das regras do termo da chamada crítica superior, tentando descobrir isso, você poderia dizer igreja de Deus ou igreja do Senhor. Para meus propósitos atuais, nossos propósitos atuais, não é importante porque Deus e o Senhor neste contexto são títulos divinos, certo? O que o título divino diz sobre este, denominado como Deus ou Senhor? Aqui está o que ele diz.

Este obteve a igreja com seu próprio sangue. Deus tem sangue? Na verdade, é bom ver como os gregos responderiam a isso. Isso é grosseiro.

Isso é nojento. Não, lembre-se, foi a filosofia grega, a de Platão e Aristóteles, que levou a essas noções de tentar proteger o Filho de Deus da humanidade em contato com a humanidade, e agora você vai dizer que Deus tem sangue? Não, Deus no céu não tem sangue, mas sim, Deus na terra tem sangue. Deus se tornou um ser humano para que pudesse morrer.

Claro, sangue aqui, como nos contextos sacrificiais do Antigo Testamento, aqui quando se fala do sacrifício de Jesus, significa sua morte violenta. A igreja de Deus ou do Senhor, que ele comprou, comprou, redimiu com sua própria morte violenta, seu próprio sangue: título divino, Deus ou Senhor.

Qualidade humana, mais uma vez, ele é capaz de morrer; ele é mortal. Observe, combinados na mesma frase, mas tão próximos, é impressionante de propósito porque ressalta o quê? A unidade da pessoa de Cristo. A mesma pessoa poderia ser chamada de Deus ou Senhor, e dessa pessoa, poderia ser dito que ela derramou seu sangue.

Como veremos em nossa próxima palestra, continuaremos com nosso estudo indutivo da comunicação de atributos.

Este é o Dr. Robert Peterson em seu ensinamento sobre Cristologia. Esta é a sessão 19, Sistemática, Humanidade de Cristo, Subordinação, Impecabilidade, Unipersonalidade e Comunicação de Atributos.